

Liliane de Oliveira

DESEJO E TRADIÇÃO

Primeira Edição

São Paulo

2014



Copyright by Liliane de Oliveira

Todos os direitos reservados à Autora. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos, atualmente existentes ou que venham a ser inventados. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, Lei nº 6.895, de 17/12/80) com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão, e indenizações diversas (artigos 122 a 124 e 126 da Lei 11º 5.988, de 14/12/73, Lei dos Direitos Autorais).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Liliane de  
Desejo e tradição / Liliane de Oliveira. --  
1. ed. -- São Paulo : PerSe, 2014.

IISBN 978-85-8196-788-2

1. Ficção brasileira I. Título

14-11045

CDD-869.93

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Para meus amados pais, Álvaro e Conceição,  
com gratidão e amor.

## Capítulo 1

Sara caminha lentamente pelas largas e arborizadas calçadas do bairro onde vive. Tudo o que quer é aproveitar o máximo possível aquele vento frio de inverno tocando seu rosto fazendo-a se sentir viva. Quer pisar nas folhas secas que cobrem o frio asfalto e admirar o que acredita ser o segundo maior espetáculo da natureza, a floração dos ipês rosa. Está classificado como segundo por não conseguir vencer sua maior paixão, os ipês amarelos. Sara sabia tudo sobre suas árvores favoritas. Sabia que estando em meados de agosto, poderia admirar as flores do ipê rosa, em seguida do amarelo e, por fim, em meados de outubro viriam às flores brancas. O bairro em que mora, de classe média alta na capital mineira, é bem sossegado. Os grandes muros das mansões são sempre impessoais, e até mesmo quando tentam se disfarçar com suas cercas vivas, não conseguem evitar a mensagem transmitida: “não queremos ser incomodados por pessoas comuns”.

Sara tem 14 anos e raramente consegue sair sozinha, nem mesmo para ir à escola. Aliás, para entrar em seu colégio jesuíta, só precisa sair pelo portão de sua casa e andar uns setenta passos aproximadamente para chegar. Os setenta passos não são necessários para levá-la à entrada da escola e, sim, à sua sala de aula que fica no segundo andar. Quem pode morar tão próximo assim da escola? Quem vive praticamente dentro dela. Sara havia sido adotada, ainda quando bebê, pelo padre Lucas e sua irmã Cecília. Atual diretor do colégio, padre Lucas, a sua irmã Cecília, que também era uma irmã de caridade e Sara, vivem em uma casa pequena acoplada ao prédio da escola. A adolescente inclusive ouviu boatos sobre a existência de uma porta que ligava a sala de estar da casa à sala da diretoria do colégio. Se ela havia existido foi fechada e Sara nunca descobriu qualquer vestígio de sua localização.

Naquela segunda-feira, Sara conseguiu um breve instante de liberdade. Havia passado a tarde na casa de sua colega Júlia fazendo um trabalho escolar. Irmã Ceci, era assim que todos chamavam a doce irmã do padre Lucas, levou-a mais cedo e ficou de buscá-la. Porém, diante de um imprevisto que Sara classificou como o “mundo deve estar sendo destruído pela terceira guerra mundial”, irmã Ceci telefonou para casa de Júlia e autorizou que sua menina voltasse sozinha para casa. Afinal de contas o que poderia acontecer num trecho de menos de cem metros. Júlia morava em uma megacasa no quarteirão vizinho ao colégio.

Algo que a irmã Cecília desconhecia, provavelmente por total desejo de ignorar, é que aquele curto espaço de tempo poderia se tornar o primeiro momento em que Sara se sentiria livre. Desde que pôde compreender o mundo, para onde quer que olhasse lá estava a religiosa. A irmã Cecília podia ser um favo de mel quando falava, mas era dura como uma rocha quando assumia uma missão. E há 14 anos, cuidar de Sara ocupava o primeiro lugar absoluto no ranking de suas prioridades. Todos os outros compromissos tinham de se submeter à disponibilidade deste.

O que são cem metros de liberdade? Muito pouco, considerou Sara. Mas como aumentar esse instante? Para onde poderia ir? Dar a volta no quarteirão já poderia ser considerado uma transgressão. Quadruplicar o trajeto poderia ser bem vida louca, como diziam os meninos do colégio. Mas quando Sara virou a terceira esquina viu algo que a atraiu.

Ao final da rua, passando para o outro quarteirão a adolescente pôde ver luzes brilhando. Luzes de todas as cores. Verde, lilás, branca, às vezes separadas e às vezes mescladas. Elas pareciam enfeitar o jardim de uma casa. Por que não? Seriam mais quantos metros? Cem? Ou quem sabe menos.

Sara andou até a frente da casa. Ao contrário da maioria, aquela tinha grades ao invés de muros. Um presente que a moradora certamente quis oferecer a quem por ali passasse. O

jardim que as luzes banhavam era esplêndido, coisa de profissional. Tinha um estilo japonês e Sara imaginou que o jardineiro também deveria pertencer à cultura asiática. Só alguém com muita paciência poderia criar algo assim. Havia um surpreendente arranjo de diferentes elementos cobrindo o solo. Pequenos pedregulhos coloridos formavam lindos mosaicos. Um sincronizado intercalar de cascas de diferentes árvores delimitava as jardineiras. Pedras brutas formavam caminhos circulares. A delicadeza e o bom gosto na escolha e distribuição das plantas era sublime. Sara se deliciou com aquela obra de arte a céu aberto por um bom tempo. Tempo demais. Sequer percebeu que a noite começava a cair. As luzes dos postes de iluminação deram início à sua sequência de acendimento, porém, aquele quarteirão era arborizado o suficiente para manter-se escuro mesmo com o esforço das lâmpadas.

Um barulho suave trouxe Sara de volta à realidade. Ela olhou ao redor e nada viu. Nenhum carro ou pedestre passava pela rua naquele instante. Sara então, percebendo a escuridão que aumentava de intensidade com o passar dos minutos, começou a andar a passos largos em direção à sua casa. Três casas à frente daquela que lhe chamara a atenção havia um muro com uma entrada de carros em formato côncavo. Sara teve medo de haver alguém escondido ali. O medo tomou conta de suas emoções e obedecendo a seu instinto de sobrevivência, atravessou a rua olhando para o ponto que considerou perfeito para uma emboscada. Fatal descuido.

Sara não teve tempo de perceber de onde saiu aquele vulto extraordinariamente grande. Antes que pudesse mover qualquer músculo, sentiu todo seu corpo ser envolvido por uma força contra a qual sabia que não teria como lutar. Algo cobriu sua boca e seu nariz. Tudo se apagou.

.....  
Matheus não gostava daquelas noites frias. Seus alunos que já não se apresentavam muito animados em uma temperatura

ambiente de quarenta graus, a doze graus se sentiam no direito de se encolherem em suas cadeiras, cobrirem suas cabeças com o capuz de suas blusas de frio e permaneceram estáticos. Nenhuma estratégia usada pelo jovem professor de história os tiraria daquele estado de profunda hibernação. Matheus simplesmente não conseguia entender um comportamento tão desinteressado. Era apaixonado por história, antropologia e arqueologia, mas na verdade se interessava por tudo que pudesse lhe agregar novos conhecimentos. Havia prometido a si mesmo que não seria contaminado pelo desânimo dos alunos. Mas naquele início de noite sentiu sua energia baixar. Agradeceu a Deus por só ter de ministrar as duas primeiras aulas. Depois poderia voltar para sua casa e mergulhar de cabeça num mundo bem mais interessante, o mundo dos seus livros.

–Professor, por favor!

A aula havia terminado e Matheus estava de cabeça baixa arrumando sua pasta de couro surrada, presente de sua irmã em seu vigésimo aniversário. Seis anos haviam se passado e Amanda, se sentindo culpada pelo irmão andar com algo tão velho a tiracolo, havia lhe presenteado com um novo modelo. Como não houve adesão do irmão, ela pensou que ele não havia gostado do estilo inovador. Buscou e encontrou uma pasta nova, igualzinha ao trapo que Matheus não abandonava. Pura ilusão. A dedicada irmã finalmente entendeu que a paixão do rapaz era alimentada pelos pequenos rasgos que traduziam uma visão de algo histórico, quase um fóssil.

Por um breve instante, Matheus acreditou que uma aluna havia prestado atenção em sua aula e tinha uma pergunta que certamente lhe traria muito prazer responder.

–Pois não?

O olhar malicioso da garota começou a desmanchar seu pensamento otimista.

–Professor. Olha, não sou eu que quero saber. Juro mesmo. Uma garota que está interessada em você pediu para eu te perguntar.

Lá vem.

–Você é casado? Se é não usa aliança. Tem namorada? Gosta de mulheres mais novinhas? Repito, não é para mim.

Matheus resgatou tudo que já havia lido sobre arroubos da adolescência e todo conteúdo de psicologia que orientava um docente a como lidar com tal situação. Todo esse vasculhar de memória não durou mais que cinco segundos e o que saiu de sua boca foi apenas:

–Tenha uma boa noite e não se esqueça de estudar o conteúdo da aula. Se deixar tudo para próximo das provas pode se enrolar.

O professor temeu que a garota não se conformasse com a resposta e continuasse a testá-lo. Mas não aconteceu. Ele se virou e andou até o final do corredor sem ouvir mais nada. Não se atreveu a olhar para trás. Não queria se arriscar.

Fora da proteção das grossas paredes da construção antiga que abrigava o tradicional colégio, a sensação térmica que o vento provocava fazia a temperatura atingir em torno de uns oito graus. O frio e a garoa fina que caía fez Matheus pensar em como seria bom ter um carro para noites como aquela. Mas era de sua moto que ele realmente gostava. A sensação de liberdade. A instabilidade sentida a cada movimento. O pensamento de que aquele poderia ser o segundo final. Flertar com a morte, sentir a adrenalina percorrer seu corpo, sensação indispensável para se sentir vivo. Uma vez, ouviu de um aluno a seguinte pergunta: “Professor, como pode gostar de só falar de gente que já morreu? Por que não falar de coisas vivas? Por que o senhor não quis estudar biologia?” Matheus nunca havia pensado até aquele momento no sentido de sua escolha acadêmica, mas como um sopro divino, a resposta fluiu de sua boca: “Na verdade não estudamos mortos, porque

quando falamos sobre eles os tornamos imortais. Quando descrevemos a forma como um povo viveu, trazemos sua sociedade de volta à vida. O segredo da imortalidade está em permanecer vivo na memória. O biólogo estuda os seres vivos e o historiador traz a vida, pessoas, sociedades e nações inteiras”. Matheus tinha certeza de que sua resposta não chegou a atingir o ouvido médio do aluno, mas entendia que falou para si mesmo.

A noite estava especialmente escura. Havia pouco movimento. Quem desejaria fazer uma caminhada reflexiva numa noite fria como aquela? Ao virar a primeira esquina Matheus cruzou com um carro. Imaginou quem seriam aquelas pessoas. Provavelmente o homem ao volante seria pai do bebê que chorava na cadeirinha ao lado de uma mulher. O que estariam fazendo? De onde viriam? Da casa dos avós, do pediatra ou simplesmente tentavam fazer a criança dormir. De repente, uma visão indefinida tirou Matheus daquela divagação sem propósito.

O asfalto escorregadio fazia com que o rapaz mantivesse uma velocidade baixa e isso permitiu que ele reparasse naquele montinho de gente encolhido na calçada. Podia ser um menino de rua, mas mesmo eles não ficariam tão expostos ao frio e à garoa. Sempre procuram abrigo, a menos que não estivesse em condições. Matheus parou sua moto e aproximou-se com cuidado. A calçada estava realmente muito escura.

– Olá. Você está bem? Precisa de ajuda? Não pode ficar aqui tão exposto.

O pensamento inicial de que se tratava de um menino se desfez assim que o professor se aproximou o suficiente para conseguir visualizar os cabelos grandes, negros e lisos e a saia plissada da aluna. Meu Deus! Uma onda de calafrio percorreu seu corpo. O uniforme do colégio! Aquele serzinho encolhido era uma de suas alunas.

Matheus agachou rapidamente e virou a garota colocando-a sobre seu colo. Ela parecia estar desmaiada ou dopada, mas

estava viva, disso ele tinha certeza. Estava gelada, mas respirava. Ele não se lembrava da moça no colégio, também estava escuro demais para qualquer reconhecimento.

–Menina! Garota, por favor, fale comigo.

Nada. Ela realmente estava inconsciente.

Matheus pensou em quem poderia melhor ajudá-lo naquela situação. Amanda era sua irmã mais velha. Dois anos para ser mais preciso. Mas desde que perderam seus pais ela passou a ser seu anjo da guarda. Moravam juntos em um apartamento pequeno e aconchegante onde cada um tinha o seu universo particular preservado. Na sala havia duas estantes, organizadas por assuntos como em uma biblioteca. Matheus acrescentava a cada no máximo uma semana, um novo exemplar sobre história e arqueologia e Amanda, mais contida, a cada mês acrescentava um novo volume.

Amanda atendeu no segundo toque. Matheus ficou pensando em como seus reflexos eram rápidos. Ela precisava deles para salvar vidas.

–Fala irmão querido. Que honra receber uma ligação sua. O que aconteceu? Já sei. Cleópatra não pode comparecer ao jantar.

Amanda amava profundamente o irmão e tudo o que ele era e fazia. Mas nunca perdia a chance de irritá-lo. Esse deveria ser o papel do irmão mais novo, mas a moça não era adepta a convenções.

–Amanda, escuta. Eu estou em uma baita encrenca aqui.

Matheus pôde perceber que até a forma de respirar da irmã havia mudado. A doutora Amanda estava acostumada a perder pacientes todos os dias. Era assim a rotina de uma médica de CTI de um pronto-socorro especializado em trauma. Mas a ideia de perder Matheus era inaceitável. Por isso, sempre que ele lhe pedia ajuda ela com certeza gostaria de ter superpoderes.

–O que foi? Você está bem? Onde está?

–Eu estou bem. A garota que está comigo é que não está. Acho que está inconsciente.

Amanda não conseguia juntar as informações e entender os fatos. “A garota que está comigo está inconsciente”. Como assim? Matheus não era dado a noitadas irresponsáveis. Pelo contrário. Sempre respeitou muito as mulheres.

–Do que você está falando? Que merda você fez meu irmão?

Agora era Matheus que não podia acreditar no que estava ouvindo.

–Eu não fiz nada. Encontrei a garota caída na calçada. É aluna do colégio onde leciono. O que eu faço? Vou levá-la para você.

Amanda sabia que aquele sentimento era altamente egoísta, mas sim, sentiu um enorme alívio.

–Não Matheus, escuta. Você não deve removê-la assim. Ligue para a emergência. Ela pode ter sido atropelada, sei lá. Pode ter sofrido algum trauma. Deve ser removida da forma correta.

–Não. Ela não tem machucados. Nem mesmo na cabeça tem lesões. Ela só está inconsciente e muito fria. Olha, ela pode não aguentar esperar o resgate. Vou levá-la para você.

–Matheus, você não pode chegar à porta de um pronto-socorro com uma adolescente inconsciente em sua moto. Já pensou nos problemas éticos e jurídicos que você pode arrumar? Podem até acusá-lo de ter dopado a garota.

–Espera na entrada com uma maca. Chego no máximo em dez minutos.

Amanda sabia que enquanto seu irmão falava aquela última frase provavelmente já estaria colocando a garota na moto, Deus sabe lá como.

–Ok. Aguardo vocês.

Era tudo que a jovem, competente e sempre firme doutora Amanda podia dizer.

## Capítulo 2

Passava das três horas da madrugada quando Matheus acordou com o movimento de sua irmã sentando ao seu lado na sala de espera da emergência. Ela trazia dois *cappuccinos*. O do Matheus com chocolate extra, como ela sabia que ele gostava.

–Já pode me dar notícias da menina?

Amanda deu um longo suspiro e seu irmão torceu para ser apenas reflexo por estar acordada, trabalhando sem parar por muitas horas seguidas. Mas no fundo ele sabia que estava se enganando. Amanda já estava mais do que acostumada. Adorava trabalhar a noite. Dizia que era mais fácil cuidar dos seus pacientes sem os burocratas da diretoria do hospital circulando pelos corredores.

–Ela já está consciente e já realizamos todos dos exames indicados. A hipotermia também já foi contornada.

–Conheço bem essa voz. Algo de muito ruim aconteceu não foi? O que foi?

–A garota, que aliás se chama Sara, foi estuprada.

–Ah, não. Que droga!

Amanda sabia que a reação do irmão não tinha nada a ver com o fato de que poderia ser acusado do crime, e sim por não ter conseguido impedir o que aconteceu. Matheus começou a andar de um lado para o outro como uma fera enjaulada.

–Droga. Merda. Que tipo de monstro faz isso com uma menina? E ela provavelmente é minha aluna. Que porcaria.

– Calma, Matheus. Ficar nervoso assim não vai muda o que aconteceu. Onde você estava antes de encontrar a garota?

–O quê? Eu estava dando aulas. Mas... Eu não posso acreditar que você está me fazendo essa pergunta. Você acha que fui eu?

–Não seja melodramático. Não acho que foi você. Mas assim que a família chegar e fizer o registro da queixa à polícia,

todos vão querer saber até onde você está envolvido. É assim que funciona o mundo real.

Matheus sentou-se novamente. Mal podia acreditar no que estava acontecendo. Não que desconhecesse as estatísticas de estupro em uma capital, mas algo assim acontecer com uma de suas alunas. Por que ele não chegou antes? Por quê? Amanda sabia que era hora de intervir.

—Olha, se você estava no colégio até bem pouco tempo antes de encontrá-la não vai ter problemas. Tem muitas testemunhas a seu favor. E quanto a essa culpa por não ser onipresente pode começar a parar por aí. Todos os dias mulheres sofrem abuso sexual nessa cidade. As idades variam de idosas a meninas muito mais jovens que essa garota. Então vamos começar a dissipar essa culpa, considerando que...

—Posso vê-la?

Amanda teve a certeza de que o irmão não ouviu uma palavra do que ela disse.

—Não acho adequado.

—Como assim? E aquela história das pessoas agradecerem seus salvadores. Ela pode estar querendo dizer um muito obrigado e a doutora aí está atrapalhando.

—Isso não é brincadeira, Matheus. Eu não sou boba. Sei o quanto você está se permitindo se envolver emocionalmente com esse caso e não acho que seja seguro. A meu ver o melhor que tem a fazer é ir para casa e dormir um pouco. Se quiser posso lhe dar um calmante leve e você toma assim que estiver na cama.

Matheus fechou os olhos antes de responder. Amanda conhecia aquele movimento, porém ela não pretendia perder aquela batalha.

—Amandinha do meu coração. Sei que só quer me proteger. Mas devo lembrá-la que sei me cuidar e se não tem nada legal que me impeça de falar com a Sara, não é esse o nome dela? — eu vou falar.

–Sara. É esse o nome dela. E você não vai falar com ela por que eu, a médica que a assiste, não permito por considerar o encontro nesse momento inadequado. Quer que eu chame o segurança para garantir a minha decisão ou você como um bom cidadão vai entender e cumprir as normas?

–Ok. Você venceu. Vou para casa. Não aguento mais ficar nesse ambiente opressor.

–Faça isso meu irmão. Não vai querer o calmante?

Matheus sequer olhou para trás. Amanda se sentiu aliviada, pois tinha plena convicção de que havia feito o correto. Além de saber que ele nunca guardaria mágoa. Eles se amavam demais.

“Muito bem doutora, hora de retornar ao trabalho”. O pensamento de Amanda foi chacoalhado pela ombrada, se é que essa palavra existe, que recebeu pelas costas.

–Nossa! Cuidado por onde anda. Por acaso eu estou invisível?

–Desculpe.

Foi tudo o que disse a mulher baixinha e gordinha que andava a passos largos ao lado de um senhor que os cabelos brancos denunciavam ser de meia idade.

Amanda se recompôs e seguiu para o quarto onde estava sua jovem paciente. Queria ver como estava, talvez segurar sua mão. Ela não era uma insensível como o Matheus e metade do hospital pensavam. Precisava ser racional a maior parte do tempo para poder fazer bem o seu trabalho. Mas, que mal poderia haver em segurar a mão daquela pobre garota por alguns minutos? O PA estava vazio mesmo. Noite muito fria é assim. As pessoas não saem de casa e com isso o número de acidentes diminui.

A médica abriu a porta do quarto esperando se deparar com sua paciente sozinha, mas se enganou. Lá estavam a gordinha desastrada e o elegante senhor. Amanda era muito observadora e a enorme cruz que cada um trazia sobre o peito não era nada discreta. Com certeza tratavam-se de religiosos.

–Doutora Amanda, gostaria de lhe apresentar o padre Lucas e sua irmã, a Irmã Cecília. Eu os contatei assim que a Sara conseguiu se lembrar do telefone de casa.

Suzana era assistente social do hospital. Uma das pessoas mais eficientes e humanas que Amanda conhecia. Adorava trabalhar com ela.

–Vocês conhecem a garota? O que são dela?

Os dois religiosos não se dignaram a responder. Continuavam olhando para menina, consternados. Movendo um pouco o pescoço, Amanda pôde ver que a irmã Cecília segurava a mão de Sara. “Que bom que não são feitos de pedra”, pensou.

–O padre Lucas e sua irmã Cecília cuidam de Sara desde bebê. Eles a adotaram.

Num gesto inesperado, o padre Lucas se virou e então Amanda pôde perceber que ele havia notado a sua insignificante presença.

–Doutora, precisamos saber o que aconteceu com nossa menina. Pode nos dizer como ela está?

– Claro, mas gostaria de lhes falar em outro lugar. Podem me acompanhar até o meu consultório?

–Eu prefiro ficar com ela – falou a sempre presente Irmã Cecília.

–Eu gostaria de conversar com os dois ao mesmo tempo. Não se preocupem, a Susana pode ficar com a Sara.

A adolescente na verdade dormia, exausta com tudo que havia passado.

–Claro que posso ficar. Não se preocupem. Ficarei aqui até a volta de vocês.

Essa era a Susana de sempre, com quem Amanda sempre podia contar.

O consultório ficava no mesmo andar a poucos passos do quarto onde estava Sara. Amanda desejou ter mais tempo para pensar em como dar tal notícia. Pela primeira vez, os pais da vítima